

HOMENAGEM

SELVINO JOSÉ ASSMANN – UM GRANDE AMIGO

[por Santiago Pich e Ivan Marcelo Gomes¹]



*Para Helena (a santa amada amante de Selvino,
como a ela se referia nos seus últimos dias de vida) e à Moira
(que desse amor criou seu próprio destino...)*

Gaúcho nascido em Venâncio Aires, que aprendeu a falar alemão antes de português, língua que só desenvolveu quando foi escolarizado. Seminarista desde os 12 anos de idade, formando-se em filosofia na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada Conceição em Viamão (1967). Fez do pensar o modo de dar forma à vida que vivia. Gostava de lembrar a passagem do Banquete na qual se identifica a condição do filósofo:

Sócrates – Nesse caso, Diotima, quem é que se ocupa com a Filosofia, se não o fazem nem os sábios nem os ignorantes?

¹ Santiago Pich é professor do CED/UFSC e Ivan Marcelo Gomes é professor do CEFD/UFES; ambos foram orientados, em seus estudos de doutoramento, pelo professor Selvino Assmann.

Diotima – Até para uma criança é claro que são os que se encontram entre uns e outros, estando Eros incluído nesse número. A sabedoria é o que há de mais belo. Ora, sendo Eros amante do belo, necessariamente será filósofo ou amante da sabedoria, e, como tal, se encontra colocado entre os sábios e os ignorantes (PLATÃO, 2001, p. 65-66).

Foi escolhido, junto com seletos grupo de colegas da América Latina, para estudar teologia na Pontifícia Università Gregoriana. Instituição na qual se formou em teologia (1970), realizou seu mestrado nessa área (1971) e liderara a primeira greve estudantil da pluricentenária universidade, fato do qual se orgulhava. Ainda neste período, concluiu o mestrado em filosofia na Pontifícia Università Lateranense (1973). Selvino era um romano por identificação, morou na cidade na primeira vez por 9 anos, em tempos nos quais a ditadura imperava no Brasil, tendo destaque, tanto na vida acadêmica e profissional, sendo um estudante laureado, e trabalhando como tradutor papal na rádio do Vaticano.

Para os amigos, gostava de salientar que também era reconhecido no âmbito extra profissional, mais especificamente no esportivo, sendo um destacado lateral esquerdo da seleção do Vaticano, o que lhe permitiu compartilhar o campo com outros notáveis à época exilados: Chico Buarque (lembrado como sendo muito fominha) e Vinícius de Moraes (que era um exímio contemplador da arte da bola, nunca jogador). Aliás, no futebol, seu amor à Roma e sua condição materna uniram uma torcida e admiração comum: Falcão, jogador do Internacional e da Roma.

De volta ao Brasil, de passagem por Florianópolis trazendo junto a bagagem acadêmica, soube da abertura de concurso público na UFSC; decidiu inscrever-se, foi aprovado (1976) e esse acabou sendo uma opção para o resto da vida, e uma opção de vida por mais de 40 anos. Voltaria novamente a Roma para a realização do seu doutoramento em filosofia na Pontifícia Università Lateranense (1983), e, no retorno ao Brasil, seria um dos mais relevantes protagonistas da formação de inúmeros sujeitos na UFSC, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação em diversas áreas do conhecimento. Atuou nos programas de pós-graduação em Educação, Filosofia e Interdisciplinar em Ciências Humanas. Ainda na UFSC, tornou-se Professor Titular em 1992 e teve o devido reconhecimento desta instituição ao lhe ser concedido o título de Professor Emérito em 2016.

A atuação no PPGICH, mas também na pós-graduação em educação, criou vínculos de Selvino com o campo da Educação Física. Ele orientou e co-orientou trabalhos de dissertação e tese de autores desse campo, como também, deixou sua marca como palestrante nos Congressos Brasileiro de Ciências do Esporte em Goiânia (1997) e Vitória (2015) e, também, no I Seminário Internacional Práticas Corporais no campo da Saúde realizado em Porto Alegre (2012). Neste último, pediu ao coordenador da mesa, com a graciosidade e fina ironia que lhe era peculiar, que o anunciasse destacando seu principal vínculo com a área: ter sido lateral da seleção do Vaticano. A sua trajetória e seus ensinamentos mostram que sua presença na Educação Física vão muito além disso.

Na UFSC, foi o mentor, junto com o Prof. Luiz Fernando Scheibe do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), um dos pioneiros do

seu tipo no Brasil. Foi neste programa que conhecemos Selvino e tivemos a oportunidade única de acompanhar suas aulas e suas orientações, sempre destacadas por seus orientandos como momentos ímpares. O ensino e a orientação eram paixões diletas de Selvino, nós fomos presenteados com a orientação e a amizade de um homem para quem pensar era dar forma à vida que se vive. Muito respeitoso e entusiasta das ideias que atentamente ouvia, e preciso e carinhoso para indicar caminhos (sempre múltiplos). Pensar para ele era sempre melhor fazê-lo com amigos, pois concebia com Aristóteles (2004, p.172), que assim as pessoas são capazes de agir e pensar melhor – na tradução de Selvino.

Contudo, talvez divergisse do filósofo estagirita com relação à possibilidade de haver amizade entre o homem e o vinho. Para Aristóteles não empregamos a palavra “amizade” em relação aos objetos inanimados. Selvino certamente desejaria bem ao vinho, e o considerava seu amigo...

A relação de amizade era para ele a condição de possibilidade da ética, ética e amizade se co-fundam. Ética não entendida como seguir a norma, mas como um dar-se a norma a partir da relação e do reconhecimento do Outro. Uma das fontes de inspiração para pensar a ética para Selvino era o pensador francês Michel Foucault, do qual era recorrente ouvirmos dele, na companhia deste autor, que a ética é a prática refletida da liberdade. A relação que estabeleceu com Hector Ricardo Leis, um de seus grandes amigos, foi uma encarnação deste entendimento e se materializou em aulas ministradas conjuntamente no PPGICH, na escritura de textos e dois livros que lançaram em parceria (*Crônicas da pólis: da democracia à corrupção, da esquerda à direita, do terrorismo à natureza humana, do mal à amizade, da religião à técnica*, publicado em 2006, e *Críticas minimalistas* em 2007) mesmo tendo entendimentos muito distintos de inúmeros assuntos.

Outro aspecto destacado por vários de seus alunos e orientandos era a generosidade de Selvino com a formação das pessoas e a maneira com que oferecia seu vasto conhecimento. Uma destas oferendas eram as inúmeras traduções que ele realizava e disponibilizava em primeira mão para seus alunos. A tradução foi outra das suas paixões, tendo sido o principal tradutor do filósofo italiano Giorgio Agamben para o português. Meticuloso, dedicado e delicado no seu trabalho, nele se confrontava com o ser da linguagem, que, na esteira de Walter Benjamin, encontra na multiplicidade das línguas a sua multivocalidade. A analogia benjaminiana da tarefa do tradutor como aquele que junta os cacos de um vaso na qual “ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior” (BENJAMIN, 2011, p. 115), é certamente precisa para pensarmos essa faceta do seu trabalho.

Por fim, a universidade, a paixão da sua vida. Ele, embora tivesse uma longa formação eclesiástica, nunca quis formar uma igreja acadêmica. Talvez por compartilhar da análise de Max Weber com relação à universidade: “As profecias que saem das cátedras universitárias não têm outro resultado senão o de dar lugar a seitas de fanáticos e nunca produzir comunidades verdadeiras” (WEBER, 2003, p. 57-58). Se pensarmos com Zygmunt Bauman, um autor que Selvino considerava uma excelente porta de entrada para a leitura

de outros grandes autores e para refletir sobre a política contemporânea, nosso amigo e homenageado não se colocava no papel de um líder de uma cruzada política, nem muito menos no de um conselheiro restrito a vida privada. Selvino foi um grande intérprete da nossa condição humana contemporânea e tentou exercer essa perspectiva na sua conduta nos espaços e com as pessoas com quem se relacionou.

Faleceu aos 73 anos, em 30 de setembro de 2017, deixando o legado da vida que viveu. Talvez as palavras de Foucault ajudem a situar esse legado:

O homem que tem um belo *êthos*, que pode ser admirado e citado como exemplo, é alguém que pratica a liberdade de certa maneira. [...] Mas para que essa prática da liberdade tome forma de um *êthos* que seja bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo, é preciso todo um trabalho de si sobre si" (FOUCAULT, 2004, p. 270).

Foi um exemplo ao ter praticado a liberdade da sua maneira. Um brinde ao Selvino... como sempre gostava de dizer ao encontrar-se com os amigos: Viva!

Florianópolis e Vitória, início de novembro de 2017

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 2011.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos - Vol. V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- PLATÃO. **O banquete - Apologia de Sócrates**. Belém: EDUFPA, 2001.
- WEBER, M. **Ciência e política - duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2003.